

A inserção de alunos migrantes nordestinos em um colégio estadual goiano: a problemática do preconceito¹

The insertion of migrant students from the Brazilian northeast into a state school of Goiás: the prejudice issue

Josiane de Azevedo Costa

Universidade Estadual de Goiás – Campus Quirinópolis.
josiane@essegseguros.com.br

Lorraine Gomes da Silva

Universidade Estadual de Goiás – Campus Quirinópolis.
lorrannegomes@gmail.com

Resumo

O presente artigo trata a problemática do preconceito enfrentado pelos alunos migrantes no espaço escolar, mais especificamente, em uma escola localizada no município de Quirinópolis-GO. O objetivo principal foi investigar a inserção dos alunos migrantes nordestinos no ensino médio. A investigação é qualitativa, as entrevistas e os questionários realizados com os alunos migrantes, professores e gestores da escola. O levantamento bibliográfico, o estudo de caso e as visitas na escola campo, compuseram os procedimentos metodológicos. O embasamento teórico recorreu fundamentalmente a Arruda (2013), Araújo (2008), Costa e Silva (2005), Freire (1996), Santos (2015) e Silva (2011). Os resultados da pesquisa revelam que as dificuldades de inserção estão vinculadas, na maioria das vezes, ao preconceito contra a sua cultura, como o modo de falar, agir e se comportar e outros tipos de discriminações, que trazem prejuízos no rendimento escolar dos migrantes, uma vez que eles não se sentem à vontade para interagir na sala de aula. Além de evidenciar a problemática apresentada, a pesquisa procurou levantar alternativas juntamente com a escola para melhorar esse problema social que está também no espaço escolar.

Palavras-chave: Inserção. Migrante. Escola. Quirinópolis.

Abstract

The present paper tackles the prejudice issue endured by migrant students in the school setting, more specifically, in a school located in the city of Quirinópolis, GO. We aimed at investigating the insertion of migrant students from the Brazilian Northeast into the high school. This is a qualitative research with interviews and surveys answered by the migrant students, teachers and school management. The methodology was based on

¹ O presente artigo é produto da pesquisa monográfica defendida e aprovada na Universidade Estadual de Goiás/Câmpus Quirinópolis, em novembro de 2015, no âmbito do curso de Geografia.

bibliographic survey, case study and visits to the school. The theoretical background resorts primarily to Arruda (2013), Araújo (2008), Costa e Silva (2005), Freire (1996), Santos (2015) and Silva (2011). The investigation results reveal that the insertion difficulties are often related to prejudice against migrant culture, such as their way of talking, acting and behaving and other types of discrimination that entail impairment in school performance, since they do not feel comfortable to interact in the classroom. Besides pointing out the prejudice issue, this research sought to raise alternatives to solve such a social problem, also present in the school setting.

Keywords: Insertion. Migrant. School. Quirinópolis.

Introdução

As dificuldades que os alunos migrantes nordestinos enfrentam ao chegar ao novo espaço escolar são evidentes em muitas escolas. O presente texto objetiva retratar como se deu a inserção dos alunos migrantes nordestinos no Colégio Estadual Independência no município de Quirinópolis-GO no ano de 2015.

A escolha do tema está relacionada diretamente com situações vivenciadas que apontam que o migrante nordestino tem dificuldades não só de adaptação, mas também problemas no processo ensino-aprendizagem ocasionadas pelo preconceito.

Constam como metodologia de pesquisas e levantamento bibliográfico; visitas na escola-campo da pesquisa; elaboração e aplicação de entrevistas e questionários com os alunos migrantes; professores e gestores da escola.

A importância da pesquisa é trazer visibilidade ao problema, colocando-o em pauta no debate escolar e promovendo reflexões e discussões sobre as questões apresentadas. Como incluir os alunos migrantes em um espaço escolar que permita e garanta sua aprendizagem e seus direitos-

Compreende-se que a Geografia pode ser uma disciplina norteadora, que permite contribuir para pensar o conceito de migração, bem como descortinar a situação dos alunos migrantes na escola. Nesse contexto, alunos, professores, gestores, familiares e todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem poderão contribuir para reflexões e discussões acerca do tema.

A preocupação da pesquisa foi saber como os jovens migrantes são inseridos no espaço escolar e como a escola garante o direito de um ensino de qualidade sem restrições e preconceitos as diferenças. O item a seguir refletirá sobre as relações do migrante e a escola.

O migrante e a escola

Sabe-se que o migrante ao sair de seu lugar de origem e chegar ao lugar de destino encontra muitas dificuldades de adaptações aos novos espaços “desconhecidos”, seja no trabalho, na nova moradia, no espaço da cidade ou na escola.

O presente estudo atentou-se para investigar como os jovens que chegam à cidade de Quirinópolis-GO são recebidos e passam por esse período de adaptação no espaço escolar.

Compreende-se que é necessário que a escola, um direito de todos, esteja preparada para receber o aluno migrante para que ele possa se adaptar e conseguir ter uma educação de qualidade. De acordo com Costa e Silva (2015, p.111-112):

A escola pode ser um espaço de estranhamento para o migrante, que acostumado com metodologias diferentes, tem dificuldade de adaptação e aprendizagem. E por mais, que a escola esteja preparada para lidar com a chegada de migrantes, estes, podem ser prejudicados pela falta de planejamento, preconceito e dificuldades diversas, pois na maioria às vezes os professores, coordenadores não estão preparados para as situações apresentadas principalmente porque na maioria o migrante está em minoria.

Apesar da escola se apresentar como um lugar acolhedor que está posta para diminuir as diferenças e proporcionar a todos um ensino de qualidade, fazendo das diferenças uma possibilidade de aprendizagem, infelizmente em alguns casos, não consegue lidar com a situação do migrante – mais especificamente, o migrante nordestino, que sofre com o preconceito, decorrentes das diferenças de cultura e ensino. Costa e Silva (2015, p. 112) afirmam que:

Tanto o acesso à escola quanto a educação de qualidade é um direito de todos os cidadãos brasileiros independente de sua origem, classe social, cor, etnia, idade. Portanto, há ainda muito que se evoluir na educação brasileira, sobretudo, no que se diz respeito à qualidade. A inclusão educacional não pode ser um processo que se concretiza apenas no ato da matrícula, mas na garantia de que o aluno receba condições mínimas de aprendizagem e tenha condições futuras e intervir socialmente.

A discriminação e o desrespeito afetam de maneira significativa os alunos na escola. A exclusão e o constrangimento geram dificuldades relacionadas ao desenvolvimento de suas

habilidades, comprometendo tanto o processo de ensino-aprendizagem quanto sua convivência social.

Ao se depararem com o preconceito na sala de aula os alunos, migrantes vivem situações desagradáveis de preconceito, prejudicando o relacionamento destes com os colegas, com as trocas de experiências e até mesmo a exclusão dos alunos migrantes – que acabam ficando constrangidos, desmotivados e desarticulados do convívio social, o que afeta diretamente seu processo de aprendizagem.

Desse modo, faz-se necessário que a escola repense cotidianamente o problema, uma vez que se caracteriza como um espaço de igualdade e de direitos, podendo ser atenciosa nas questões que envolvem, sobretudo, o preconceito. Para Araújo (2008, p. 48-49):

[...] espera-se que a escola e os seus professores, na sua tarefa de educar para uma cidadania democrática, estejam atentos às complexidades dos movimentos demográficos, às suas realidades sociais e às relações entre culturas e pessoas.

Portanto, para alcançar a igualdade de direitos na escola, é premente um empenho cada vez maior de todos os sujeitos envolvidos (sociedade, família, professores e gestores escolares), com o intuito de promover uma consciência coletiva.

Quando o migrante chega à escola, torna-se importante que a mesma consiga propiciar uma boa recepção, além de oferecer condições de prosseguir e progredir no espaço escolar, que ele encontre na escola um espaço de situações favoráveis ao seu desenvolvimento, pois essas condições têm impacto direto no seu desempenho escolar. Segundo Costa e Silva (2015, p. 112):

O espaço escolar enquanto elemento integralizador da sociedade deve possibilitar uma boa receptividade e planejamento para receber os migrantes, da forma que esses se sintam a vontade para aprender e participar da construção dos conhecimentos e das futuras intervenções sociais. Por isso, compreende-se que o princípio da inclusão deve estar presente na escola. Ao receber um migrante, vindo de outro lugar, ou região, ou país, a escola precisa dar acesso para que este indivíduo se adapte aos novos modelos de ensino.

O professor precisa considerar que o migrante é um importante representante da diversidade cultural, pois abrange diversas situações como o modo de vida, a maneira de conviver com as pessoas, as crenças e tradições, que se tornam diferentes aos olhos das outras pessoas. Para Santos (2014, p. 104):

O lugar de trabalho do professor permite um constante contato com elementos culturais da comunidade na qual a escola está inserida, tais como vestimentas, gestualidade, sotaques, músicas, expressões religiosas, etc. Tal pluralidade cultural pode ser vista como um aliado do trabalho docente, ou até como um agravante. Este profissional, por sua vez, se vê em situações em que precisa escolher entre o acolhimento, a tolerância ou eventualmente a rejeição a certos elementos da cultura com que tem contato em seu dia a dia.

Para esse acolhimento, o papel da escola e do professor é fundamental e necessário para a integração do indivíduo no espaço escolar, bem como para as relações socioculturais estabelecidas. Conforme Freire (1996, p. 19):

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à educação por si mesmo.

Na realidade, o professor é fundamental na fase de adaptação e estruturação dos alunos no novo espaço escolar. Ao ser acolhedor, consegue minimizar qualquer preconceito contra migrante, nordestino ou qualquer outra pessoa. Necessita ter conhecimentos e argumentos para com os alunos que possuem essa característica preconceituosa.

É necessário buscar no espaço escolar situações que proporcionem ao professor uma intervenção correta e eficaz, aproximar os alunos por meio das disciplinas e seus temas, de projetos e outras ações que possibilitem aos alunos conhecer a cultura e costumes do outro, o diferente.

A escola precisa ser inclusiva e, como ressalta Aranha (2004), garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades. A escola inclusiva aceita os alunos como eles são, cada um com sua característica, cultura, respeitando e aceitando-os acima de tudo.

A reflexão sobre a diversidade cultural e a descentralização dos valores da sua própria cultura para conseguir olhar a sociedade na perspectiva das minorias são atitudes do professor, indispensáveis para organizar e estruturar as atividades escolares no sentido de promover uma igualdade de oportunidades.

Para isso, ressalta Araújo (2008), é necessário conhecer e valorizar as características das culturas das minorias e dedicar atenção aos alunos, que entram na escola, pois são portadores dos fundamentos de uma identidade cultural adquiridos durante a socialização primária, na família e na comunidade de origem.

Desse modo, o professor pode procurar conhecer, mesmo que de maneira discreta, a região da qual o migrante faz parte a fim de que sua adaptação, seu acolhimento seja mais prazeroso, mais fácil e até mesmo mais rápido. Para uma melhor adaptação na escola, no espaço escolar, as disciplinas – sobretudo, a Geografia –, podem ajudar na melhor integração do migrante. Seus conteúdos podem trazer o conhecimento sobre a cultura de cada região.

A Geografia e seus temas nesse contexto possuem importante papel de auxiliar no que se refere ao respeito da compreensão e reflexão do problema apresentado, como o migrante, suas adaptações, o preconceito, a discriminação, as diferenças culturais, o papel da escola, entre outros. Para Silva (2011, p. 34-35):

O grande desafio das escolas é conseguir educar na diferença, respeitando os valores e as crenças de cada um. Logo, o ensino do tema das migrações não só pode como deve contribuir para a formação de cidadãos do mundo, geograficamente competentes!

Quando a educação é vivenciada respeitando as diferenças, independentemente de qualquer situação social, o espaço escolar é utilizado de maneira correta, democratizado e com uma educação interdisciplinar. É necessário enxergar a escola como uma ferramenta que pode ajudar o migrante na sua inserção, desde o processo de adaptação escolar até a sua aceitação perante a sociedade.

Portanto, infelizmente, quando observada a prática escolar, a recepção dos migrantes não é tão calorosa e respeitosa quanto deveria. De acordo com Santos (2014, p. 111), em sua pesquisa feita em uma escola de Nova Iguaçu no Rio de Janeiro:

Um aluno do terceiro ano do ensino médio de uma escola federal declara que ao chegar ao município de Nova Iguaçu, transferido do município de Natal no Rio Grande do Norte, logo foi apelidado de “paraíba”, “cabeça de rapadura”, “comedor de calango e “etíope brasileiro”. As provocações partiam dos alunos, mas os professores não interferiam e, na maioria das vezes, fingiam que não percebiam o que estava acontecendo. Sabe-se que na maioria dos casos, situações como essa são enfrentadas pelos alunos nordestinos cotidianamente nas escolas brasileiras em diferentes regiões, na inserção da escola o migrante nordestino enfrenta dificuldades do cotidiano acentuadas pelas condições sociais, especificamente relacionadas às diferenças culturais.

Percebe-se que a sociedade, a família, a escola e os sujeitos ainda têm dificuldades de lidar com as diferenças, e, sobretudo, aceitá-las democraticamente. Nota-se, desse modo, que a questão do preconceito está além dos muros da escola, mas na sociedade.

A migração nordestina no município de Quirinópolis/GO

Quirinópolis é um município brasileiro localizado no sudoeste do Estado de Goiás, pertencente à mesorregião do sul goiano. Ocupa uma área de 3.780 km². Sua população, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, era de 44.233 habitantes. Sua área representa 1,1115 % da área do estado. Do total de sua área, 7,8955 km² é urbanizada e 84,42 % de sua população vivem em área urbana, sendo que 15,58 % vivem no campo.

Nas últimas décadas, sobretudo dos anos 2000, Quirinópolis passou por uma intensa substituição da agricultura tradicional camponesa, pelas atividades do agronegócio² o que mudou a dinâmica produtiva e diversos setores econômicos, demográficos e sociais do município. De acordo com Padilha Junior (2012, p.11):

Agronegócio é a soma total das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, das operações de produção nas unidades agrícolas, do armazenamento, do processamento e distribuição dos produtos agrícolas e itens produzidos a partir deles.

² Negócio da terra. Envolve o processo de instalação de empresas agroindustriais, constituindo-se em um complexo industrial que reúne a comercialização de insumos e bens de produção para a agricultura, seu processamento e comercialização. **Fonte:** <http://pt.wikipedia.org>. Acesso, agosto, 2015.

O agronegócio envolve a produção, a industrialização e a comercialização de suprimentos agrícolas, ou seja, todas as escalas do setor de produção, incluindo marketing, prestação de serviço, etc. Segundo Fernandes e Welch (2008), agronegócio é o novo nome do modelo de desenvolvimento econômico da agropecuária capitalista.

Desse modo, o agronegócio constitui, no século XXI, uma das formas do capital manifestar o seu poder de (re)produção através da conquista do espaço geográfico. O que tem acontecido em Quirinópolis é reflexo do que tem ocorrido no estado de Goiás, no Brasil e em vários lugares do mundo.

Dessa forma, com a mundialização do capital, manifestada nas atividades ligadas ao agronegócio, elevam-se o volume e a intensidade de transações entre as cidades que passam a constituir locais estratégicos da economia global, cumprindo papel de suporte para essas atividades, tornando mais indissociáveis as relações entre o local-global, como é o caso de Quirinópolis.

Quirinópolis tinha sua economia baseada nas atividades agrícola e pecuarista, contudo, no ano de 2004, começa a haver mudanças. A instalação das Usinas Sucroalcooleiras São Francisco e Nova Fronteira Bioenergia trouxe para a cidade reorganizações em todas as instâncias.

Depois, sobretudo, dos empreendimentos das usinas em 2007 e 2008, Quirinópolis passou a manter relações com centros longínquos (Estados Unidos, Japão, Suécia) por meio das transações que são estabelecidas pelas corporações agroindustriais presentes no seu espaço – por meio de uma economia urbana, pautada na exportação de *commodities* agrícola, que de acordo com Branco (2008, p.12):

é o termo utilizado para se referir aos produtos de origem primária que são transacionados nas bolsas de mercadorias. São normalmente produtos em estado bruto ou com pequeno grau de industrialização, com qualidade quase uniforme e são produzidos e comercializados em grandes quantidades do ponto de vista global. Também podem ser estocados sem perda significativa em sua qualidade durante determinado período. Podem ser produtos agropecuários, minerais ou até mesmo financeiros.

A implantação das usinas no município de Quirinópolis pode ser explicada não apenas pelos motivos naturais que chamaram a atenção dos grupos comerciais oriundos da região

sudeste do país, mas também pela questão logística em que o município se localiza, tornando-o um escoador de produção para várias partes do país, de acordo com Santos (2015, p. 6):

A logística conta também com a malha rodoviária: BR 153 e 452 e também pelas GO 164, que liga a BR 452 (Paranaiguara) e GO 206 que liga a BR 384 (Itumbiara, outro grande complexo sucroalcooleiro), além da proximidade do alcoolduto que se dirige a Senador Canedo (GO), em direção leste, rumo à região metropolitana de Goiânia.

Assim, em 2016, as atividades do agronegócio concentram-se sob o comando das duas usinas que controlam as negociações a seu favor. Juntas, produzem em média 195,3 milhões de litros de álcool por safra, sendo que o total no município por ano de acordo com levantamento da Prefeitura Municipal (2015) é de aproximadamente 10 toneladas.

O investimento gerado a partir do agronegócio proporcionou para Quirinópolis 6% na posição do ranking de qualidade de vida em Goiás, um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,740. A média nacional varia entre 0,600 e 0,699. De acordo com o IBGE (2009), Quirinópolis está no primeiro lugar no *ranking* da sua microrregião, onde tem ocupação de áreas destinadas ao setor agrícola com 378.017,3 hectares superando até mesmo sua área com 3.780.172 km².

Ao considerar essa nova dinâmica econômica do município, o crescimento demográfico é um dado que permite refletir sobre a vinda dos migrantes. Conforme dados do IBGE (2010) em 2000, Quirinópolis tinha 36.512 habitantes, em 2010 a população saltou para 43.220 e em 2016 estima-se 47.950 mil habitantes.

O crescimento demográfico do município representa a quantidade de migrantes que a cidade recebeu e tem recebido ao longo dos anos. Neves (2012, p.42), considera que:

[...] Foi a partir da década de 1960 que Quirinópolis sofreu aumento de fluxo de migração com grandes contingentes de nordestinos para trabalhar nas lavouras que começaram a empregar novas tecnologias. A modernização no campo trouxe as tecnologias preconizadas pelo discurso ideológico da Revolução Verde.

A respeito dos estados de origem dos migrantes que vieram para Quirinópolis, Neves (2012, p. 44) ressalta que:

A partir de meados da década de 60 o município teve acelerado processo de migração, principalmente a partir de estados nordestinos (Rio Grande do Norte e Pernambuco), Minas Gerais e São Paulo, sendo este último com um número reduzido, mas de forte poder econômico.

Sabe-se que a migração, independentemente da sua região de origem, está ligada, na maioria das vezes, a situações indefinidas, sendo os fatores econômicos os que mais influenciam as pessoas migrarem. A busca por melhores condições de vida, saúde, emprego, alimentação, transporte, entre outros são fatores que levam muitas pessoas e famílias buscarem novos lugares. De acordo com Fernandes (2010, p. 123):

No município de Quirinópolis, a chegada de levas de migrantes vindos dos estados da região nordeste, não foi diferente, especialmente no quesito transformações econômica, tanto das regiões de origem, quanto da região para qual se deslocaram algumas comunidades migratórias, como é o caso da região de Quirinópolis. Localizado no sudoeste goiano, com sua economia baseada nas atividades da pecuária e agricultura necessária se fez valer-se da mão de obra para alavancar a economia que começava a despontar-se. O migrante nordestino que acabara de chegar aqui, alguns vizinhos, outros já com famílias constituídas, em busca de trabalho e dignidade, já era uma possível peça neste tabuleiro.

Percebe-se, desse modo, o quanto o setor econômico interferiu na migração do nordestino para a cidade de Quirinópolis, assim como no país e na região Centro-Oeste, apresentando-se como um dos mais relevantes motivos de deslocamentos populacionais.

Em 2016, Quirinópolis se mantém como município de atração para migrantes de vários estados do Brasil, pois ainda possui uma grande oferta de emprego e mão de obra. O grande fluxo migratório em Quirinópolis tem reorganizado a dinâmica local, sociocultural, política e econômica da cidade.

A inserção dos alunos nordestinos no Colégio Estadual Independência no município de Quirinópolis-GO em 2015

Metodologia da pesquisa

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Independência do município de

Quirinópolis-GO. Criado em 1971, hoje com 44 anos de funcionamento, localizado no setor central da cidade. O colégio já ofereceu à comunidade quirinopolina os seguintes cursos: Ensino Fundamental (2ª fase) até 2003; Curso Normal – técnico em Magistério – (extinto em 2001); Técnico em Contabilidade – (extinto em 1999); Técnico Agropecuário – (extinto em 1982); Educação de Jovens e Adultos (EJA) 2001/2002; Curso Colegial – início em 1988. Atualmente, atende alunos do ensino médio nos turnos matutino, vespertino e noturno.

A escolha da escola foi feita inicialmente pelo número de alunos da região nordeste na escola.

Foram aplicados 20 questionários com alunos migrantes nordestinos e realizadas oito entrevistas com gestores e professores da escola. Por meio dos dados coletados, foi delineado o perfil desses alunos, bem como as dificuldades que esses tiveram na adaptação no novo espaço escolar da escola investigada.

Os questionários aplicados com os alunos tinham 10 questões abertas e uma fechada de múltipla escolha. O questionário aplicado aos professores e coordenadores tinha sete questões, todas abertas. Para Boni Quaresma (2005), o modelo de questões abertas oportuniza mais liberdade e autonomia para os participantes discorrerem sobre o tema sugerido pelo entrevistador.

O questionário foi composto pelas seguintes questões: Há quanto tempo mora em Goiás? Por que sua família escolheu vim para Goiás? Você gosta de morar aqui ou prefere o lugar que nasceu? Por quê? Do que sente mais falta de onde morava? Por quê? Como foi sua chegada à nova escola quando se mudou para Quirinópolis? O que sentiu? Achou algo estranho? Você foi bem recebido na primeira escola que estudou em Quirinópolis? Aponte pontos positivos e negativos dessa recepção: Quais foram suas maiores dificuldades de adaptação no novo espaço escolar? Já sofreu algum tipo de preconceito por ser nordestino? Pelo sotaque e costumes diferentes de seus colegas? Já ganhou algum apelido na escola? Qual? O que você acha que pode ajudar a futuros alunos nordestinos na inserção nas escolas de Quirinópolis?

Antes da aplicação dos questionários e entrevistas, os alunos foram informados acerca do tema da pesquisa e preparados para a realização da coleta dos dados. Os alunos participantes não foram identificados a fim de que suas identidades fossem preservadas.

Do total de alunos envolvidos na pesquisa, 60% são do sexo feminino e 40% do sexo masculino e estão na faixa etária entre 15 e 19 anos. Dos entrevistados, 60% já moram em Quirinópolis há mais de dois anos, 40% moram na cidade há menos de dois anos e, em alguns casos, há alunos que moram em Quirinópolis há quatro meses. Constatou-se que três alunos estão atrasados, de acordo com a idade e a série na qual está cursando.

Resultados e análise dos dados

O Nordeste sempre foi e ainda é considerada uma das regiões que mais cedem migrantes para as demais regiões brasileiras. A cidade de Quirinópolis recebe migrantes de várias regiões do nordeste. Grande parte dos alunos migrantes vem de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte, acompanhando os pais, que buscam melhores condições de trabalho.

Entre os elementos que mais dificultam a inserção dos alunos migrantes na escola pesquisada, 31% dos entrevistados apontaram que é ato de falar em público; 22 % tirar dúvidas com o professor sobre os conteúdos; 19% fazer amizades; 14% realizar leitura em voz alta; 11% lidar com os apelidos e piadas e 3% questões que envolvem o comportamento. Para entrevistado G:

Ler em voz alta é uma difícil tarefa para me em sala de aula, porque alguns colegas de sala ficam zombando do nosso sotaque, da nossa forma de falar, que é diferente da deles, mas não tem como mudar, isso eu trago da minha cidade, da minha região, eles deveriam aceitar e respeitar.

Muitos alunos relataram a vergonha que sentem quando precisam tirar alguma dúvida referente aos conteúdos depois que a professora encerra a explicação. Por isso, na maioria das vezes levam a dúvida para casa, e na hora de fazer as tarefas, quando os pais não sabem, têm dificuldade para realizá-las. Sobre o assunto, disse a entrevistada H:

Ao chegar na escola ficamos um pouco tímidos, com vergonha, não só dos colegas de sala, mas também dos professores, pois eles ensinam, falam de forma diferente, muitas vezes não entendemos o conteúdo, mas por medo de repressão ficamos calados e com as dúvidas.

Nota-se desse modo que o ato de falar em público é um desafio para os alunos. Como se sentem constrangidos com a reação dos colegas e não são estimulados a falar, a participação oral é quase uma tortura. Para a entrevistada I:

Falar em público pra mim é a maior dificuldade, não só na escola mas em outros lugares também, porque a gente passa por tantas situações de zoações e piadas que ficamos com medo e vergonha de falar em público e outros rir da gente, é muito chato mas é uma realidade difícil.

Diante das situações enfrentadas com os demais colegas, observou-se que os alunos nordestinos acabam se policiando nas atitudes, gestos, forma de agir, com o intuito de uma melhor aceitação. O aluno J salienta que:

As brincadeiras direcionadas a nós nordestinos, pelos colegas de classe faz com que eu acabe mudando a forma natural de me comportar. Acabo ficando mais quieto para evitar qualquer expressão da minha parte que possa ajudar os colegas nas piadinhas.

Se o processo de aceitação dos alunos nordestinos é tão difícil, fazer amizade, então, é um processo lento ou ausente por muito tempo no espaço escolar. A aluna L disse que:

Os professores e a direção me receberam bem, mas passei alguns dias sem ninguém falar comigo. Os alunos na sala de aula nos tratam como se nós fosse atrapalhar eles de alguma forma, por isso nos isolam, não conversam com agente e ainda zombam do nosso sotaque e da nossa cultura.

O aluno M considera que:

Os professores gostaram muito de ter a minha presença e eles mim ajudaram com os meus problemas, mas eu não gostei muito da atitude de alguns alunos. Eles ficam fazendo piada direcionada ao nosso modo de falar e agir, e não pode ser assim todos somos iguais e temos os mesmos direitos.

O aluno N falou dos dois lados, da escola e dos colegas de sala:

Ao chegar na escola fui muito bem recebido, pelos professores, coordenadores, direção, eles tentam ao máximo nos deixar a vontade e fazer com que não nos sentimos diferentes ou inferiores, já com alguns colegas de

escola e principalmente em sala de aula é mais difícil, eles ficam nos zombando por causa do nosso sotaque.

Depois de contatar os alunos, notou-se a necessidade de entrevistar os professores e gestores da escola para ver o posicionamento e conhecimento deles sobre o problema apresentado. Alguns dos entrevistados já sabiam a respeito das dificuldades de inserção dos alunos migrantes nordestinos, sobretudo, no que diz respeito ao preconceito, já outros negaram qualquer tipo de preconceito no espaço escolar.

Sobre a percepção dos professores de como inicialmente os alunos migrantes chegam ao espaço escolar, o professor A disse que:

Os alunos em sua maioria chegam reprimidos, se comportam inicialmente de maneira tímida, eles só conseguem se relacionar de forma mais participativa após um bom período, onde estão mais adaptados e mais confiantes para poder participar da aula.

Já o professor B afirmou que:

Alguns desses alunos chegam desconfiados, em sua maioria não conseguem participar de maneira ativa em sala de aula, eles aparentam se sentir inferiores aos demais alunos, isso pode ser consequência das formas pejorativas que alguns colegas de sala os tratam, como por exemplo, os chamam de: nordestinha, cabeça chata.

Com base nas afirmativas dos professores, fica clara a presença do preconceito e a dificuldade que os alunos nordestinos têm, principalmente nos primeiros meses no novo espaço escolar em se adaptarem e inserirem completamente nesse espaço. Sobre o que pode ser feito para amenizar o problema, disse o professor C que:

Para evitar essas situações é necessário trabalhar o relacionamento pessoal e afetivo por todos os professores, através da tentativa de reeducação desses alunos, pode ser possível combater o preconceito direcionado ao aluno nordestino.

O professor D relata que:

Para prevenir certas situações que possam atrapalhar a inserção dos alunos migrantes, é necessário que além de trabalhar essas situações relacionadas a região, cultura, é de extrema importância implantar projetos que trabalhem as diferenças culturais, exaltando as riquezas de cada região.

Sobre o papel da escola no reconhecimento do problema evidenciado pelos alunos migrantes e a criação de ações que possibilitem o respeito e o fim do preconceito, o professor E fala que:

A escola tem um importante papel na inserção desses alunos no espaço escolar, mas, ao mesmo tempo, a responsabilidade é de toda a comunidade, onde ela como um todo deve se envolver, pois essas diversas situações vêm de várias fontes.

A diferença do ensino em relação às regiões brasileiras é uma realidade histórica e apontada pelos alunos como algo que dificulta o aprendizado dos mesmos. Sobre o assunto, disse o professor F:

O ensino difere muito de uma região para outra, muitos alunos migrantes enfrentam grandes dificuldades ao chegar no novo espaço escolar. Essas disparidades são mais acentuadas nos migrantes nordestinos, que têm mais dificuldade no domínio de conteúdo.

Mas, para alguns professores, o que mais acentua as dificuldades de inserção dos alunos no novo espaço escolar é o processo de adaptação e aceitação dos colegas na sala de aula. O professor G afirmou que:

As diferenças de ensino existem, mas elas existem em todos os lugares, pois estão de acordo com a matriz curricular, mas a grande dificuldade destes alunos está presente na sala de aula, na sua aceitação e adaptação com os demais colegas de sala. É isso que vai interferir diretamente na inserção desse aluno em sala de aula.

Notou-se que os professores entrevistados tem consciência do preconceito direcionado aos alunos migrantes nordestinos e das dificuldades que estes enfrentam na adaptação no novo espaço escolar e que é preciso desenvolver ações que amenizem ou acabem com esse problema, que deve ser inadmissível no espaço escolar.

Além dos problemas apontados, a forma de falar, vestir, comer, brincar entre outras, são motivos também de piadas e deboches dos alunos. Esses diversos tipos de preconceitos referenciados podem acarretar muitos problemas para esses jovens que se sentem excluídos de direitos e respeito.

Os alunos migrantes nordestinos também pontuaram no questionário as dificuldades em aprender, em compreender os conteúdos das disciplinas, principalmente a Matemática – além de dificuldades com o fuso horário; a organização das aulas; avaliações e carga-horária. O aluno O considerou que:

As matérias foram onde enfrentei mais dificuldades, pois lá não tem algumas das que tem aqui. Além da questão da disciplina, a forma como o conteúdo é passado é diferente. Aqui, a carga horária também é bem diferente. Aqui, no geral, o ensino é bem mais puxado, exige mais da gente.

Para o aluno P:

Tive dificuldades em me adaptar com ensinamentos diferentes. Tive uma grande dificuldade, porque lá era bem mais fácil, aqui já dificulta, as disciplinas são bem mais avançadas. Sei lá, acho que o conteúdo, em algumas disciplinas chegamos com nosso ensino mais atrasado.

Entende-se desse modo, que as problemáticas que envolvem os alunos nordestinos migrantes na escola investigada são vários, diversos e complexos e que é necessária urgentemente a intervenção da escola e seus gestores para equipar essa realidade tão injusta.

Considerações Finais

Ao analisar as respostas dos alunos, verificou-se as dificuldades enfrentadas pelos migrantes nordestinos, que chegam tímidos, desacreditados, reprimidos no novo espaço escolar o que dificulta sua socialização na sala de aula, na escola e na sociedade.

As dificuldades enfrentadas pelos migrantes são caracterizadas pelo preconceito e discriminação direcionada à cultura nordestina, seja ela no modo de falar, agir, vestir, entre outras. Essas dificuldades podem ser observadas ao tirar uma simples dúvida com o professor;

fazer leitura em voz alta; fazer amizades. São essas situações que envolvem o preconceito que provocam no aluno certa repressão na forma de se comportar e viver.

Compreende-se que a escola pode ser um importante agente na inserção do migrante nordestino, possibilitando a integração por meio de ações rápidas e antecipadas – incluindo projetos que mostrem aos alunos a realidade e importância de cada um na sociedade, independentemente de suas diferenças socioculturais.

As ações para uma melhor inserção desses alunos são necessárias para que possam inibir aqueles que praticam o preconceito. A maioria dos alunos não conhecem a cultura nordestina, não têm noção da importância do povo nordestino para a formação do país. Cabe à escola implantar situações de conhecimento, troca de informações e ideias direcionadas às culturas regionais.

Contudo, além de cumprir o papel do ensino, a escola tem o papel de preparar cidadãos críticos e conscientes da realidade ao seu redor. A escola tem que ser agente integrador de todo e qualquer aluno sem distinções. O professor nesse processo é agente passivo de formação da consciência dos alunos. Combater qualquer tipo de preconceito na escola e fazer valer o papel social de todos os sujeitos envolvidos e possibilitar a todos direitos iguais.

Referências

ARANHA, M.S.F. Inclusão social e municipalização. In: MANZINI, E. J. (Org.). **Educação especial temas atuais**. Marília Publicações: Marília, 2004.

ARAÚJO, Sónia Elvira Fernandes de Almeida. **Contributos para uma educação para a cidadania: professores e alunos em contexto intercultural**. Lisboa: Acidi, 2008.

BONI, V. & Quaresma, S. J. (2005). **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, 2(1), 68-80. Disponível: www.emtese.ufsc.br. Acesso: 20/09/2016.

BRANCO, André Luis de Oliveira Castello. **A produção de soja no Brasil: uma análise econométrica no período de 1994-2008**. 2008. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Ciências Econômicas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2008.

COSTA, Josiane de Azevedo. **A inserção dos alunos migrantes nordestinos no ensino médio do Colégio Estadual Independência no município de Quirinópolis/GO em 2015**.

Monografia defendida na Universidade Estadual de Goiás, campus de Quirinópolis, curso de Geografia, 2015.

COSTA, Josiane Azevedo; SILVA, Lorraine Gomes da. **A inserção dos alunos migrantes da região Nordeste do Brasil no ensino médio das escolas públicas do município de Quirinópolis-GO.** In: Simpósio de Geografia Vale do Paranaíba, 11. Encontro Camponês em Movimento, 2. 2015, Quirinópolis, Anais. Quirinópolis: [s.n.], p. 107-118, 2015.

FERNANDES, Janice Aparecida de Azevedo. Em busca de uma vida melhor: uma história de retirantes. In: URZEDO, Maria da Felicidade Alves. (Org). **Quirinópolis: mãos e olhares diferentes (1832-2010).** Goiânia: Kelps, p. 123-128, 2010.

FERNANDES, B. M e WELCH, C. A. O agronegócio da laranja na América Latina. In: FERNANDES, B. M. (org.) **Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual.** 1º d. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Cidades. Disponível em: <http://ibge.gov.br>. Acesso: 20/09/2016, dados de 2010.

NEVES, Paracy Correa. **A formação do espaço urbano de Quirinópolis: uma possibilidade histórica de 1832 a 2010.** 2012. 00 f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012.

PADILHA JÚNIOR, J. B. **Agronegócios.** Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Agrárias, Departamento de Economia Rural e Extensão -DERE. Paraná: UFPR, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com>. Acesso: 20/09/2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE QUIRINÓPOLIS (2015). Disponível em: www.quirinopolis.go.gov.br. Acesso: 20/09/2016.

SANTOS, Miriam de Oliveira. Migração e educação: analisando o cotidiano escolar na região metropolitana do Rio de Janeiro. **Revista PerCursos.** Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 95-119. jan./jun. 2014.

SANTOS, Vonedirce Maria. As bases da consolidação de uma nova centralidade econômica: o etanol do Cerrado e o complexo agroenergético da microrregião de Quirinópolis. In: JESUS, Jose Novais de; SANTOS, Gilberto Celestino dos (orgs.) **Geografia e Sujeitos do Cerrado: análises e reflexões,** Goiânia: Kelps, 2015.

SILVA, Ana Celeste. **Geografia escolar e educação para a cidadania.** 2011. 175 f. Dissertação (Mestrado em Ensino da História e da Geografia) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

Sobre as autoras

Lorraine Gomes da Silva

Professora de Geografia da Universidade Estadual de de Goiás – Campus Quirinópolis/Goiás/Brasil. Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais. Bolsista da FAPEG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás).

Josiane de Azevedo Costa

Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás - Campus Quirinópolis/Goiás/Brasil.

Artigo recebido em Maio de 2016.
Artigo aceito para publicação em Julho de 2016.